



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

WASHINGTON, DC, EUA, 21 DE ABRIL DE 1995

É com prazer que compareço a este encontro no National Press Club. Aprecio o trabalho da imprensa. Contribuí regularmente com artigos para o jornal semanal *Opinião*, que foi um dos primeiros a romper com a censura autoritária nos anos 70. Foi uma das primeiras atividades propriamente políticas que desenvolvi, pois tive de abandonar a linguagem acadêmica do cientista social para empregar, em minhas contribuições para o jornal, linguagem política mais direta. Posteriormente, já como homem público, tive oportunidade de escrever colunas regulares e artigos para outros jornais brasileiros.

Uma imprensa livre e atuante é um dos instrumentos mais valiosos das democracias. A imprensa teve papel decisivo na redemocratização do Brasil e continua a exercer vigilância permanente sobre o funcionamento das instituições do País.

Estarei à disposição de todos os presentes para uma conversa franca. Procurarei responder de modo direto às perguntas que me forem feitas. Antes disso, gostaria de transmitir-lhes algumas das idéias principais que tenho expressado nesta minha visita de Estado aos Estados Unidos.

A visita a este grande país é uma das primeiras que faço ao exterior. Desejei que assim o fosse. Ainda como Presidente eleito, encontrei-me com o Presidente Clinton em Miami, em dezembro último, na Cúpula das Américas. Conversamos sobre vários temas da agenda internacional e sobre o relacionamento entre o Brasil e os Estados Unidos. Nossos pontos de vista eram em grande parte coincidentes. O Brasil tinha tido então papel importante, reconhecido de público pelo Presidente Clinton, para o êxito da Cúpula. Ficou claro para mim que ambos os países deviam colocar suas relações num novo patamar. Deveriam dar um salto qualitativo no diálogo bilateral que refletisse, afinal, os diversos pontos de interesse comum de nossos dois países. A nós, Presidentes, cabe o papel de dar o impulso político em mais alto nível para que isto aconteça.

Brasil e Estados Unidos partilham os mesmos valores democráticos e os mesmos princípios da economia de mercado, não como valores abstratos ou fins em si mesmos, mas antes como o melhor caminho para promover o bem-estar e a prosperidade de seus cidadãos.

A afinidade entre os dois países vai além dos valores gerais, para situar-se no plano mais concreto do comportamento coletivo de nossas sociedades. Estados Unidos e Brasil foram e continuam a ser a terra da oportunidade. A perspectiva real de alcançar a prosperidade moldou de forma definitiva o caráter de nossos povos. O desejo do progresso e a conseqüente mobilidade social são traços comuns a ambos os países. Reconhecemos valor ético no desejo de empreender, de criar, com o trabalho, riqueza não só para si, mas para a coletividade.

No pós-Guerra Fria, a importância dos parceiros não se mede apenas pelos padrões estratégicos antes dominantes. O fim da Guerra Fria é o fim do monopólio das variáveis estratégicas. As parcerias constroem-se sobretudo nos potenciais revelados em outros campos, na afinidade de visões políticas, nas perspectivas de comércio e investimentos, na base tecnológica, nas possibilidades de atuação conjunta nos foros internacionais, nas convergências de visão sobre os grandes temas da agenda internacional.

Com a estabilidade da economia brasileira e seu crescimento, expandiram-se consideravelmente as correntes de comércio nos dois senti-

dos. As reformas que estamos empreendendo para dar condições de continuidade ao crescimento criarão oportunidades para novos investimentos produtivos no Brasil.

Minha viagem aos Estados Unidos consolida e reforça uma fase positiva no relacionamento bilateral. As relações favoráveis permitem que hoje o conhecimento recíproco se organize de forma positiva. Deixamos para trás incompreensões produzidas freqüentemente pela ausência do diálogo imprescindível para encaminhar temas mais complexos de interesse mútuo. E trouxemos para o centro de nossas atenções a aproximação econômica entre os dois países.

Criamos recentemente um Conselho de Desenvolvimento Empresarial, para impulsionar as relações comerciais bilaterais. Estamos dando os passos necessários para fazer avançar o processo de integração hemisférica. É certo que nossos países têm compromissos com os mecanismos distintos de integração e livre-comércio a que pertencem: o Brasil, com o Mercosul; os EUA, com o Nafta. Mas a aproximação entre os dois esquemas é desejável e necessária, pelo próprio interesse mútuo daqueles que, em termos de volume, são os dois maiores acordos de comércio no Hemisfério. Exigirá, sem dúvida, negociações de grande complexidade, pois o Mercosul e o Nafta são acordos de escopo e amplitude diferentes. No entanto, o Presidente Clinton e eu reiteramos, em nossos encontros, nosso compromisso com a integração hemisférica, que endossamos na Cúpula de Miami.

Queria, ainda, estender-me um pouco sobre alguns aspectos da realidade brasileira contemporânea. O Brasil é um país de grandes dimensões. Sua economia está entre as dez maiores do mundo. Sua população ultrapassa os 160 milhões de pessoas. É também um país de tradição pacífica, que não tem conflitos externos com nenhuma outra nação. Temos assim projeção externa natural, que desejamos ampliar. Estamos, assim, assumindo responsabilidades internacionais crescentes. Recentemente, tivemos, na qualidade de coordenador dos países-garante do Protocolo do Rio, participação importante na busca de uma solução pacífica para o conflito fronteiriço entre o Equador e o Peru. Envolvi-me pessoalmente nos esforços que resultaram no cessar das hostili-

dades. O Brasil também tem ampliado sua participação nas operações de paz conduzidas pelas Nações Unidas, em particular nos países que nos são mais próximos.

Outro aspecto do Brasil atual que não poderia deixar de mencionar é o da estabilização conjugada com o crescimento que a economia brasileira vem experimentando. O PIB do Brasil cresceu 5,7% em 1994, com a inflação sob controle. A economia brasileira soube responder ao desafio da maior competitividade. A liberalização comercial foi seguida no Brasil, como em nenhum outro país do Sul, de uma verdadeira modernização e melhoria da produtividade e da qualidade. O Brasil tem a maior e mais sofisticada indústria das economias em desenvolvimento. É também grande produtor e exportador de alimentos.

As recentes medidas de ajuste no Plano Real, com a elevação das tarifas de importação para alguns produtos, respondem ao objetivo maior de preservar a estabilização. Foram medidas necessárias. Tomadas após análise cuidadosa de todas as alternativas, não significam, de modo algum, meia-volta no processo de abertura comercial. São medidas temporárias. Seria irresponsabilidade deixar de efetuar as correções pontuais de rumo no Plano Real no momento em que haviam mudado variáveis importantes no cenário internacional.

Vivemos no Brasil regime democrático pleno. É isso o que dá garantia de que as ações governamentais serão sempre transparentes. É o que assegura a continuidade das reformas econômicas necessárias para dar sustentabilidade ao Plano Real. É a melhor proteção contra a corrupção. Um dos grandes saltos que o Brasil deu nos últimos anos foi justamente o de uma mudança de mentalidade em que a honestidade, a rejeição à corrupção, deixou de ser apenas um valor individual e passou a ser um valor coletivo. Passamos pelo *impeachment* de um Presidente e por um processo interno no Congresso que levou ao afastamento de seus membros acusados de corrupção. A sociedade brasileira não está disposta a fazer concessões em suas demandas por justiça, honestidade e ética. A democracia só funciona assim: o cidadão que vota é o cidadão que cobra resultados. O País já não comporta nenhuma margem de tolerância em relação à corrupção.

Fui eleito com base num programa que incluía a estabilização e as reformas para assegurá-la, mas que complementava a agenda da estabilidade com medidas sociais de amplo alcance. Sou membro fundador da Partido da Social Democracia Brasileira. Tenho compromissos com um conjunto de princípios.

Ser socialdemocrata no Brasil significa não apenas aceitar a correção dos desequilíbrios sociais como objetivo prioritário num país marcado por divisões sociais, significa ir além. Significa reorientar os recursos e a capacidade de ação do Estado para suas finalidades básicas de prover serviços básicos de educação e saúde a todos. Significa que o Governo deve ser um catalisador das mudanças necessárias. Para tanto, precisa estabelecer pontes com a sociedade civil, com as organizações da comunidade. Para que a ação do Governo alcance o cidadão comum, é preciso ouvir primeiro suas demandas, é preciso descentralizar e coordenar a atuação das agências governamentais em diversos níveis. O programa social de meu Governo é baseado na parceria Governo-sociedade e na noção de racionalizar a aplicação dos recursos. Na verdade, não há propriamente carência de recursos para os programas sociais do Governo brasileiro. Havia, sim, uso ineficiente dos recursos existentes, porque alocados segundo enfoque assistencialista que, além de ineficaz, se prestava a desvios e a manipulações para fins políticos.

Corrigir desequilíbrios hoje em dia passa sobretudo por promover maior igualdade de condições no ponto de partida da vida de todos os brasileiros, criar, essencialmente, oportunidade igual de acesso à educação e à saúde. Não se constrói uma nação poderosa quando grande número de cidadãos não tem perspectivas, com uma população à qual se negue, desde o início, o direito à expressão de seu potencial, de sua capacidade de realização.

Trago, enfim, aos jornalistas aqui presentes a mensagem de um Brasil novo, revigorado pelo crescimento e pela democracia. Com uma agenda social importante, que tem por objetivo recuperar a noção de cidadania no País. É um Brasil que está dando certo. É um Brasil que quer mostrar suas qualidades e sua força, mas que não nega e não esconde seus aspectos negativos, até porque felizmente tem uma im-

prensa livre e ativa. Nisto somos parecidos. Um forte traço comum aos dois países é a força e a influência de uma imprensa criativa, efetivamente livre.

Espero que esta mensagem positiva que trago do Brasil atinja o maior público possível nos Estados Unidos. O trabalho da imprensa é importante para ampliar, nos mais diversos setores da sociedade norte-americana, a percepção do Brasil como um país capaz de oferecer parcerias novas e promissoras.